



Seara nova

NÚMERO COMEMORATIVO DO VIGÉSIMO QUINTO ANIVERSÁRIO

LISBOA, 26 DE OUTUBRO DE 1946

NÚMERO
10007

PREÇO
20\$00

lizar cuidadosamente os processos eleitorais; não preconizamos o Presidencialismo puro, mas desejamos o presidente mais liberto dos parlamentos, e que não limite a sua função, como agora, à de máquina de assinar papéis onde se põe tudo o que os outros querem. São necessárias a Portugal, nos apuros a que está chegado, medidas de governo excepcionais. Cumpre formar, com políticos de prestígio moral, que se vão buscar onde quer que estejam, assistidos dos técnicos mais competentes, e seguros do acatamento e da disciplina da força armada — um governo que, com largas autorizações, possa resolver sinceramente o nosso problema financeiro, e lançar as bases, enfim, da reorganização da nacionalidade. Desejamos muito que os partidos queiram enveredar por essa estrada. Não nos anima qualquer empenho no desprestígio dos políticos; bem ao contrário. Existe quem pense neste momento numa ditadura militar, sob a sugestão dos acontecimentos de Espanha. A intervenção militar na política é sempre delicada e perigosíssima, e por isso os militares, sem deixarem de se interessar pelo governo do seu País, e de exercer a sua influência para que se regenere e se moralize, devem limitar, no entanto, ao mínimo necessário a sua intervenção directa nos negócios do governo.»

Estava ainda a SEARA NOVA destinada a ter contacto com outros grupos de ideologia política diferente da sua ou mesmo oposta a ela. Tendo como ponto de partida um incidente ocorrido, em Novembro de 1923, entre o maestro Francisco de Lacerda e uma empresa teatral de Lisboa, formou-se então o grupo denominado *Homens Livres*, que adoptou o mesmo título para o seu órgão na imprensa, de que publicou apenas dois números, em 1 e 12 de Dezembro do mesmo ano. Sob o ponto de vista puramente político, o movimento dos *Homens Livres* era bastante amorfo: dada a heterogeneidade dos elementos que o compunham, onde, ao lado de pessoas de reconhecida competência profissional, se encontravam outras sem quaisquer títulos que as impusessem ao país, e onde, emparceirando com individualidades que, embora de ideologia contrária à da SEARA NOVA, mereciam todo o respeito pelas suas virtudes cívicas e morais, aparecia também um ou outro encapotado pescador de águas turvas, mais empenhado em desacreditar a República do que em contribuir para a salvação do país sob a sua égide — dadas já estas circunstâncias de heterogeneidade, o movimento dos *Homens Livres* tinha fatalmente de contar a existência mais efémera de todas as tentativas de salvação nacional feitas até aí com a colaboração da SEARA NOVA. É certo que mais tarde, em Fevereiro de 1924, o sr. Filomeno da Câmara, numa entrevista concedida ao *Diário de Lisboa* acerca da formação da *Ação Nacional*, com que se pretendeu substituir ou dar continuidade ao movimento dos *Homens Livres*, atribuirá ao sr. António Sérgio a parte principal do fracasso daquele movimento.

A acusação contra o sr. António Sérgio fundamentava-se num facto ocorrido em Dezembro do ano anterior. O relato e a explicação desse facto são-nos dados pela própria SEARA NOVA através dos trechos que passamos a transcrever: «Por várias vezes a SEARA NOVA tem sido solicitada a colaborar no Governo. A essas solicitações tem ela oposto invariavelmente a sua recusa terminante,

porque a todos os argumentos se tem sobreposto sempre a firmeza dos seus princípios ou o simples sentido das conveniências morais. Também o sr. Álvaro de Castro entendeu que devia dar à SEARA NOVA a honra de convidar para o actual ministério um dos seus mais categorizados membros, o sr. Jaime Cortesão. Recusou este *in limine*, alegando, entre outros motivos, que era convicção da SEARA NOVA, já tantas vezes manifestada, que os problemas nacionais se não resolviam parceladamente, mas integrando-os numa obra de conjunto. Não se deu por vencido o sr. Álvaro de Castro, retorquindo que ao nosso grupo seriam dadas, não uma, mas três pastas (instrução, guerra e agricultura), duas das quais constituiriam realmente os eixos móveis dos nossos mais instantes problemas nacionais. Então o sr. Jaime Cortesão apelou para a decisão dos seus amigos, que foram de parecer que, nestas condições, tendo a SEARA possibilidade de pôr em prática algumas das medidas mais essenciais do seu plano de reformação, e dando-se ainda a circunstância de terem sido frustrados, mas não definitivamente afastados, o perigo e a vergonha dum golpe militar em benefício dum partido, não cabia ao nosso grupo o direito de manter a sua recusa a colaborar numa governação nacional. Persistir nela, sem motivo plausível, por simples desejo de *tôrre de marfim*, seria dar razão àqueles que insistentemente nos chamam teóricos e nefelibatas, e desconfiam da nossa capacidade de realização. Evidentemente que o ministério do sr. Álvaro de Castro não é positivamente o ministério ideal. Quem procura apenas intervir nas condições ideais arrisca-se a não intervir nunca, e manifesta, além do mais, a sua inadaptação social e a sua incapacidade de modificar a realidade. A SEARA NOVA está, pois, representada no ministério, e está representada para defender o seu ponto de vista de política geral e para pôr em prática os seus planos concretos de reformação. Quando a SEARA NOVA se convencesse de que os seus esforços eram inúteis, que os seus planos não eram aceites, o caminho estar-lhe-ia naturalmente indicado. Ela deixaria então de colaborar, e ergueria, ainda mais alto e com maior autoridade, o seu protesto. Ao contrário de certos políticos, manteremos no governo a nossa atitude da opposição.»

Os ministros que representavam a SEARA NOVA no governo eram: o sr. António Sérgio na pasta da Instrução Pública e o sr. Mário de Azevedo Gomes na da Agricultura. A pasta da Guerra fôra confiada, por indicação da SEARA NOVA, ao sr. major Ribeiro de Carvalho, que não pertencia, não havia pertencido nunca, nem mesmo depois pertenceu ao grupo SEARA NOVA, onde aliás contava amigos e admiradores, que o levaram mais tarde a colaborar nesta revista com artigos da sua especialidade militar.

Ao decidir participar no ministério do sr. Álvaro de Castro, adoptava a SEARA NOVA a modificação mais importante na sua linha de conduta política. As realidades nacionais forçavam-na a intervir activa e directamente na vida política do país, sem mesmo se ter verificado aquele mínimo de condições especiais com que ela encarara sempre a hipótese de participar no governo da Nação.

Cerca de dois meses se mantiveram no poder os dois ministros que representavam a SEARA